



Derradeira homenagem a um grande e velho amigo

Pedro Malan

Economista e ex-ministro da Fazenda

Regis Bonelli nos deixou 18 dias após completar 75 anos de idade. Depois de lutar, brava e serenamente, como era de seu estilo, contra o mal que descobrira no início de junho. Nossa amizade, iniciada quando tínhamos 18 anos, manteve-se viva por mais 57 primaveras. Como bem se expressou Edmar Bacha, outro grande amigo comum de quase meio século no dia do velório do grande amigo: “Regis não apenas fará muita falta; com sua partida, um pouco de nós mesmos também se foi”.

Mas sempre ficam memórias que carregamos, os amigos e a legião de admiradores que Regis conquistou ao longo de sua longa e consistentemente produtiva e bem-humorada vida profissional e pessoal. Em comemoração aos primeiros 70 anos de Bonelli, realizou-se na Fundação Getulio Vargas um belo Seminário, organizado em conjunto pelo IBRE, pelo Ipea, pelo Iepe (Casa das Garças) e pelo Departamento de Economia da PUC, todas instituições com as quais Regis esteve envolvido com o profissionalismo de sempre.

O IBRE fez publicar, em 2012, um documento com os textos apresentados ao Seminário. O texto que se segue a esta breve e dolorida nota pessoal, escrita no apagar das luzes deste ano de 2017, é o que publiquei

naquele documento, à época, reproduzido aqui na íntegra por especial favor do IBRE. Seria um tanto sofrido “atualizar” o texto, passados cinco anos. Não menos sofrido tentar escrever um texto mais completo, com mais cuidadoso revisitar de memórias pessoais, profissionais ou simplesmente daquelas derivadas de momentos de alegrias compartilhadas com amigos e amigas, entre os quais Regis era o mais antigo.

Permito-me concluir esta breve introdução ao meu “texto dos 70 anos” do velho amigo, reproduzindo o texto de e-mail que lhe enviei no dia de seu aniversário de 75 anos, em 26 de novembro de 2017. Regis não estava mais recebendo visitas, nem minhas nem de Edmar Bacha. As conversas telefônicas foram ficando cada vez mais raras, como as respostas às mensagens via WhatsApp, ou minhas ou as de Edmar. Eis o que escrevi:

*Regis, caríssimo,
Pensando muito em você no dia de hoje. Pensei muito em deixar um presente na portaria do hospital, mas minha imaginação se restringe a livros, caixa de música ou de vídeo, vinhos, quadros e flores. Achei que nenhum destes seria apropriado no momento. Mas assim que você voltar para sua casa, que espero seja*

muito breve, exploraremos todas estas possibilidades.

Lembre-se do tema recorrente da obra de Beckett “I cannot go on, I will go on!”. E do rabino Tarphon sobre o qual conversamos nas caminhadas pela Lagoa, que iremos retomar um dia ainda que ambos, elegantemente bien sur, de bengalas adequadas como convém a dois gentlemen. Edmar correrá a nosso lado, provavelmente reclamando que poderíamos andar mais rápido. Nós concordaremos com um sorriso de quem compreende estes imortais. Como diria Borges “son inconregibles”.

Abraço muito forte, muito amigo e muito saudosos pelo dia de hoje. Estamos juntos. Sempre.

Pedro

Regis não estava lendo mais e-mail. Não sei se chegou a tomar conhecimento do teor do mesmo. Mas gosto de imaginar que, talvez – quem saberá – um daqueles seus discretos sorrisos lhe marcasse o rosto no dia de seu septuagésimo quinto aniversário.

O sentido desta homenagem a Bonelli (publicado em Padrões de Desenvolvimento Industrial no Brasil: Passado e Futuro – Seminário em homenagem aos 70 anos do professor Regis Bonelli, 2012)

O jovem Regis Bonelli certamente merece a bela homenagem que conjuntamente lhe fazem o Ipea, o IBRE, o Departamento de Economia da PUC e a Casa das Garças. Quatro instituições que o reconhecem, há muito, como brilhante expoente dos estudos na área que dá título a este excelente seminário – Padrões de Desenvolvimento Industrial no Brasil: Passado e Futuro. Se houvesse qualquer dúvida quanto a isso por parte de alguns dos mais jovens aqui presentes, esta foi mais que dirimida pelas várias intervenções que ouvimos ao longo das últimas horas, desde o simpaticíssimo toque pessoal do atual presidente do Ipea, Marcelo Neri, na sessão de abertura do programa, na qual fomos brindados com uma invejável análise de Paulo Levy sobre as seminais pesquisas de Bonelli sobre o tema indústria e crescimento. Passando pelas sessões coordenadas por Luiz Schymura e Edmar Bacha sobre industrialização e desindustrialização e sobre limites do crescimento. Todas as apresentações dos que participaram desta memorável celebração: Sandra Rios, Samuel Pessôa e Rogerio Werneck no primeiro painel, e Eustáquio Reis, Marcelo Abreu e Armando Castelar no segundo, se referiram a temas centrais do debate atual sobre elos entre nosso passado e nosso futuro. Um debate para o qual Regis Bonelli tanto contribuiu, contribui e – estou seguro – continuará contribuindo, por razões que tento explicar a seguir.

Há algo de muito especial em chegar aos 70 anos? Não. No mundo, milhões alcançam essa idade a cada ano – e seguem adiante. No Brasil, centenas de milhares o fazem a cada ano – e seguem adiante. O que não é tão comum, no mundo e no Brasil, é chegar nos 70 anos com vigor in-

tellectual, vida ativa, motivado, bem-humorado, trabalhando contínua e consistentemente, com uma legião de admiradores de várias gerações. Isto exige uma dose significativa de persistência, perseverança, dedicação à vida e ao trabalho profissional como algo que pode ter significado profundo – e prazeroso quando compartilhado e reconhecido por outros.

Conheço “jovens” de cerca de 85 anos como Paul Volcker e Alan Greenspan, ambos ativos na profissão. Acaba de sair um livro sobre o primeiro, intitulado *O poder da persistência*. O segundo acabou de publicar longo e excelente trabalho de pesquisa sobre a crise global na prestigiosa Brookings Papers on Economic Activity. O ator de teatro e cinema Al Pacino, aos 72, considerou todos os prêmios que obteve como “premiações por perseverança”. Para ficar aqui no Brasil, os ativíssimos FHC e Delfim Netto têm mais de 80 anos. No mundo da música, os não menos ativos Caetano, Gil, Milton e Paulinho da Viola entraram nos 70. Pena que os juízes Carlos Ayres Britto e Cezar Peluso, em pleno vigor intelectual, tivessem que deixar o Supremo porque alcançaram essa idade, dita, limite. Há muito o que fazer na vida após os 70, como Bonelli sabe. Como sabe Edmar Bacha, outro jovem da “classe de 1942”.

Mas, além da persistência, há algo peculiar aos nascidos em 1942 (e cercania) que não seja o fato óbvio que fizeram 70 anos em 2012? Afinal, indivíduos que se mostram, no decorrer da vida, como fora de série nascem todos os anos, sem exceção, e fazem sucesso nas mais variadas atividades e ocupações. As pessoas, como é sabido, são elas, suas circunstâncias, suas

memórias, suas esperanças quanto ao futuro – e o que fazem para tentar torná-las realidade. Como alguém apenas três meses mais novo que nosso homenageado de hoje, e do qual sou amigo há mais de meio século, permito-me apenas sugerir que parte da geração dos que nasceram no Brasil em meados da primeira metade dos anos 40 teve privilégios em uma combinação tal que a outras gerações talvez não tenham sido concedidos.

Por exemplo: conhecer a que era a cidade do Rio de Janeiro ainda como capital do país; estar já em uma universidade como a PUC-Rio em 1961, ano da renúncia de Jânio Quadros, e ter participado da vida universitária tanto antes como depois do golpe militar de 1964; formar-se em engenharia em 1965 aos 22 anos e começar a trabalhar em 1966 em uma instituição de pesquisa com ambiente profissionalmente dos mais estimulantes, como o antigo Escritório de Pesquisa Econômica Aplicada (hoje Ipea), que nos enviou para o doutorado no exterior (Berkeley) e ao qual retornamos no início dos anos 70 para dedicação à pesquisa econômica e participar do debate público ao longo do lento processo de gradual abertura política do país, iniciado nos anos 70 e que levou à democratização em 1985, à Constituição de 1988 e, ao fim de 1989, às primeiras eleições diretas para presidente desde 1960. Os que tinham 46 anos ou menos votaram então pela primeira vez na vida.

Para muitos dessa geração, o contínuo interesse pelo estudo, a pesquisa e mais tarde o ensino de economia surgiu quase que como decorrência natural do viver e do pensar sobre as transformações que passaram o Brasil e o mundo na segunda metade do sé-

culo 20. Mas os momentos decisivos foram os anos 50 e 60, e o intenso debate público que se seguiu e que continuou desde então, melhorando em muito sua qualidade nas duas últimas décadas, em particular após o sucesso do real, de 1994 até o presente.

Minha amizade com Bonelli atravessou esse meio século, desde os anos de PUC (1961-65), passando nosso vestibular (com Marcelo Abreu) em 1964 para a Faculdade de Economia da então Universidade do Estado da Guanabara, por nosso ingresso no Ipea em 1966, pelos três anos de intenso trabalho ali até a ida para o doutorado em economia no exterior em 1969 e na intensa colaboração após o retorno ao Brasil e ao Ipea.

Alguns dos trabalhos de pesquisa em coautoria com Regis Bonelli foram mencionados elogiosamente hoje neste Seminário: “Os limites do possível”, publicado na excelente revista *Pesquisa e Planejamento Econômico*, em 1976. Também tenho orgulho de uma versão, em muito ampliada, que publicamos um ano depois (apenas em inglês) sob o título “The Brazilian economy in the seventies: Old and new developments”. Lembro-me do prazer que foi trabalhar com Regis, Marcelo Abreu e José Eduardo de Carvalho Pereira em ambicioso Relatório de Pesquisa do Ipea sobre Política Econômica Externa e Industrialização no Brasil do final dos anos 30 ao início dos anos 50, trabalho que mereceu o Prêmio Visconde de Cairu, concedido pelo Instituto Roberto Simonsen em 1978.

Estes são apenas exemplos de uma longa e frutífera colaboração com Regis e outros companheiros do Ipea que inclui inúmeros trabalhos

de pesquisa, artigos e obras coletivas sob o nome da instituição, ao longo dos primeiros 17 anos, de 1966 a 1983, quando fui para o exterior (Nações Unidas em New York e Banco Mundial em Washington), de onde voltei no início dos anos 90, a chamado do então ministro Marcílio Marques Moreira para a negociação da nossa dívida externa.

Mas, mesmo do exterior, escrevi com Regis Bonelli no final dos anos 80 um longo trabalho de pesquisa sobre o Brasil de 1950 a 1980, publicado (em inglês apenas) com o título “Three decades of growth policies in Brazil”, em livro de ensaios em homenagem ao grande Albert Hirschman que saiu em 1992 com uma seção extra no capítulo final sobre o Brasil do início dos 90 – e perspectivas adiante – da qual não nos envergonhamos, à luz do que ocorreu posteriormente.

Este foi nosso último trabalho conjunto; para mim, a partir daí, a renegociação da dívida externa, o Banco Central e o Ministério da Fazenda tomaram todo o meu tempo, e mais algum, do início dos anos 90 até o final de 2002. Mas Bonelli continuou – e continua – ativo em suas inúmeras atividades de pesquisa. Como escreveu, com toda razão, Edmar Bacha, outro jovem da classe de 1942: “Bonelli é um líder indiscutível entre os economistas brasileiros, particularmente no que se refere ao estudo da nossa temática industrial” (no prefácio do que chamou de “precioso” livro de Bonelli, intitulado *Ensaio sobre política econômica e industrialização no Brasil*).

Com efeito, são poucos, muito poucos, os economistas brasileiros que têm mais de quatro décadas (e

meia) de ininterrupta atividade de pesquisa e publicação sistemática de seus resultados no Brasil e no exterior, mantendo a atividade de ensino e com passagens muito importantes no governo, como diretor-geral do IBGE, diretor do BNDES e diretor de pesquisas do Ipea.

São raras, muito raras as pessoas capazes de combinar excelência na atividade profissional com bom humor, com a capacidade de se relacionar com equipes as mais diversas, com grande generosidade para com os outros, expressa na quantidade de suas contribuições e de seus trabalhos em coautoria. E há uma característica adicional do Regis que eu gostaria de mencionar aqui: em uma época de tantas paixões, motivadas por discussões de natureza política e ideológica, Bonelli foi capaz de conduzir seus trabalhos de pesquisa de uma maneira sóbria, não apaixonada, mesmo sabendo que as paixões políticas (bem como as de outras naturezas) sempre procuram as suas próprias justificações – e raramente falham em encontrá-las.

Gostaria de encerrar agradecendo ao Regis, em meu nome pessoal, pelo privilégio da amizade de meio século. E, quero crer que em nome de todos os aqui presentes, agradecer ao nosso homenageado pela pessoa que é, pelas contribuições que já deu, pelas que ainda dará ao debate público, e pela alegria do seu convívio conosco, em especial nesta “celebração da amizade” (como disse o Castelar), que nos une a todos neste dia em torno de um grande e querido amigo.

Que sua vida nas próximas décadas possa ser tão produtiva, saudável e bem-humorada como foi nos seus primeiros 70 anos. 